

Vanessa Cunha

Capítulo IX

As Funções dos Filhos na Família

Introdução

As sociedades contemporâneas têm vindo a testemunhar profundas mudanças no lugar da criança na família: são mudanças quantitativas, na dimensão da descendência, no calendário dos nascimentos; mas são também qualitativas, nas motivações para a procriação, nas expectativas que se depositam nos filhos, nas funções que desempenham na vida familiar. Estas mudanças, interdependentes e expressivas, têm dado lugar, no âmbito das Ciências Sociais, a um discurso assente na confrontação do presente com o passado: se há uma tendência para os casais terem hoje poucos filhos, de forma planeada e de modo a satisfazerem expectativas afectivas; no passado, as descendências numerosas eram não só inevitáveis num contexto de contracepção incipiente, como necessárias para o bom funcionamento da vida familiar e doméstica.

Mas será a ruptura com o passado assim tão profunda? De facto, como vimos no capítulo anterior, são inegáveis as transformações no domínio da fecundidade, se mais visíveis ao nível das práticas, também marcando presença ao nível das representações. E quanto às funções dos filhos na família? Será que sobre eles apenas recaem expectativas de ordem sentimental?

Ora, esta concepção da criança enquanto objecto afectivo da família conjugal contemporânea tem raízes na produção académica dos anos 50 e 60. Trata-se, antes de mais, de uma herança de Ariès (1960), autor que ao estabelecer a ponte entre a emergência do sentimento da infância – pionei-

ro entre a burguesia francesa dos séculos XVI e XVII – e a primeira revolução contraceptiva¹ – que aí teve início um século depois – atribuiu ao novo estatuto social da criança na família a chave do seu processo de modernização.

Foi igualmente importante a proposta de Becker, de pensar a criança enquanto «bem de consumo afectivo» (1960). Inscrevendo-se numa linha de estudos de microeconomia da fecundidade – perspectiva que procurava dar conta do cálculo racional, de «custos-benefícios», subjacente às decisões no domínio da procriação – Becker defendia que a criança, ao perder o papel produtivo que detinha no seio da família, passou a representar para esta um custo sem contrapartida económica, pelo que a apetência pela procriação, irracional do ponto de vista económico, passou, então, a consubstanciar-se numa externalidade, a expectativa de retorno afectivo.

Central foi também a teorização funcionalista de Parsons sobre a família conjugal norte-americana (Parsons e Bales, 1955). Segundo o autor, aquela foi palco de grandes mudanças, nomeadamente o isolamento em relação à família alargada, assente na independência doméstica e financeira, e a perda de um conjunto de funções de que era tradicionalmente guardiã, em resultado da crescente diferenciação da estrutura social. Em consequência, ocorreu uma especialização funcional da família em duas frentes: a socialização primária da criança e a estabilização emocional dos adultos. E em virtude exactamente do isolamento da família conjugal (que levou o casal a deixar de ter o apoio e a mediação da parentela nos assuntos domésticos), se foi aos pais que passou a competir o desempenho exclusivo da primeira função, foi sobre a criança que recaiu o da segunda. A família conjugal transformou-se, por esta via, num reduto afectivo. Refere Parsons a este propósito: «Parenthood acquires, it may be said, an enhanced significance for the emotional balance of the parents themselves (...). The two generations are, by virtue of the isolation of the nuclear family, thrown more closely on each other» (idem, p. 20).

Nesta linha surgiu ainda a proposta de Bassand e de Kellerhals, de compreender o lugar da criança na família contemporânea à luz do processo de diluição das funções que esta desempenhava nas sociedades de Antigo Regime (1975). Segundo os autores, uma função que era essencial numa sociedade dominada pela agricultura familiar e pelo pequeno comércio era, então, a *função económica*, pois quantos mais filhos, mais braços para participar na produção familiar. No entanto, a cisão que a industrialização operou entre as esferas produtiva e doméstica conduziu ao declínio

¹ Que consistiu na prática generalizada entre os casais do coito interrompido. Este controlo intencional dos nascimentos teve impacto na curva da fecundidade francesa.

da importância da mão-de-obra infantil. Outra função chave que se diluiu ao longo do tempo foi a *assistencial*. Enquanto que antigamente era esperado dos filhos adultos que prestassem cuidados e garantissem a sobrevivência dos pais idosos, hoje esta função é do domínio público, estando estes enquadrados por políticas sociais e por instituições de protecção à velhice. A *função de linhagem*, que comprometia os filhos na continuação do «tronco familiar e na conservação de heranças várias (culturais, patrimoniais, simbólicas), perdeu-se na densidade e no anonimato urbanos, bem como na autonomia e na maior heterogamia dos cônjuges, que tornaram mais ambivalente a própria identidade social da criança. A crescente laicização da sociedade e da vida familiar desmantelou a *função religiosa* dos filhos, pois no passado a vinda de uma criança era uma dádiva divina, o sinal de que Deus abençoara aquela união. Finalmente, outra função que a criança perdeu na família contemporânea foi a *função estatutária*. Se a existência do casal só tinha sentido através da descendência, hoje a vida a dois é uma opção legítima. Por outro lado, se a maternidade constituía a fonte primeira de estatuto para a mulher, actualmente tem de concorrer com outras alternativas, como seja a actividade profissional. Assim sendo, a proposta destes autores é que apenas uma função sobreviveu a este cenário de intensa diluição das funções tradicionais da criança, a *função afectiva*. Nos nossos dias a criança representa para os pais, basicamente, uma fonte de gratificação pessoal.

Anos mais tarde, a partir de um estudo a jovens casais suíços, Kellehals *et al.* (1982) procuraram relativizar aquelas conclusões identificando outras motivações presentes no desejo de procriar. O que constataram foi que se o objectivo de assegurar uma relação afectiva privilegiada é, sem dúvida, uma razão fundamental para ter filhos, outra igualmente importante prende-se com a *função simbólica de coesão*. Já não se trata de legitimar a existência do casal como no passado e sim de concretizar, através da vinda de uma criança, o sentimento amoroso que enlaça os cônjuges. Outras funções que se revelaram importantes, mas apenas em contextos sociais desfavorecidos, são aquelas que «parentificam»², como a *função estatutária*, que engendra identidade social, e a *função de papel*, que dá lugar a um leque de actividades quotidianas sentidas como gratificantes. A função que se revelou pouco importante na decisão de ter filhos foi, então, a *função instrumental*, que aqui reúne as componentes económica e assistencial.

E no caso das famílias portuguesas, será que são estas as funções que os filhos desempenham? Será que as de ordem instrumental estão igual-

² Terminologia de Bourguignon (1987).

mente ausentes do quadro das expectativas familiares? E será que também se verifica que os diferentes contextos sociais são portadores de diferentes expectativas? Apesar das mudanças significativas que, nas últimas décadas, a sociedade portuguesa tem conhecido ao nível dos valores familiares, do lugar da criança e da condição social feminina (Machado e Costa, 1998; Almeida *et al.*, 1998; Almeida e Wall, 2001) – em que a queda da fecundidade é tão só uma das suas facetas mais visíveis –, estamos em crer que, devido a especificidades de natureza social, cultural ou material, há franjas da sociedade portuguesa que estão mais arredadas daqueles processos de modernização, pelo que continuam a gerar vivências familiares pautadas por alguns contornos tradicionais.

De facto, se olharmos para a sociedade portuguesa dos anos 90, constatamos a realidade das famílias que ainda dependem dos filhos para assegurar a sobrevivência doméstica. Em 1990 eram cerca de 37 000, as crianças e os adolescentes com idades inferiores a 15 anos que estavam empregados (Barreto, 2000). Num inquérito dirigido aos jovens do concelho de Loures, com idades compreendidas entre os 14 e os 29 anos, foi possível apurar que, daqueles que estavam empregados e a residir com os pais, 42,3% contribuía com uma parte dos rendimentos para a economia comum e 2,3% contribuía com a totalidade (Almeida *et al.*, 1996). Numa investigação levada a cabo em cinco aldeias do concelho de Vila Real, a autora concluiu que o recurso das famílias camponesas ao trabalho dos filhos é não só fundamental para a sobrevivência e a manutenção das explorações familiares, num quadro de crescente escassez de mão-de-obra assalariada, como constitui ainda um elemento-chave das estratégias de socialização e de difusão de saberes e competências nestas famílias (Pinto, 1998).

Não querendo deste modo minimizar o lugar de destaque que os afectos ocupam na construção das relações familiares, não podemos deixar de procurar estas «outras» significações da criança na sociedade portuguesa, mesmo que minoritárias ou socialmente circunscritas.

Assim sendo, numa primeira etapa deste capítulo procuramos dar conta das funções que os filhos desempenham no quadro da vida familiar. Partindo das propostas de Kellerhals *et al.* (1975, 1982), mas alargando um pouco o leque de possibilidades, balizamos as funções em quatro dimensões de análise: *afectiva*, *instrumental*, *estatutária* e *expressiva* (quadro n.º 9.1).

Temos, assim, várias funções que se prendem com a *dimensão afectiva*, o universo de gratificações com que a criança preenche a vida familiar. A *função afectiva* propriamente dita, i.e., os filhos enquanto fonte inesgotável de prazer (*são uma fonte de alegria na sua vida*). A *função afectiva*

extrema, quando é neste laço que é depositada a expectativa de reduto afectivo, de amor único e perene (*são o único amor que dura para toda a vida*). A *função afectiva alargada*, que traduz a ideia de que a criança faz sentido não só na ordem sentimental dos pais, mas também de outros familiares. A criança faz sentido, então, para a família em sentido amplo (*são uma fonte de alegria para os familiares [avós, tios]*). E a *função simbólica de coesão*, que remete para a ideia dos filhos enquanto expressão do amor entre os cônjuges. Eles resultam da e alimentam a história do casal (*são o símbolo do amor entre os pais*).

A *dimensão instrumental* é equacionada a partir de três funções que os filhos podem assegurar no quadro da vida familiar: a *função produtiva*, ou seja, a sua participação nas esferas doméstica ou profissional, mais concretamente nas tarefas domésticas, na empresa familiar, ou na contribuição económica para o agregado (*são uma ajuda em casa e no trabalho*). A *função de solidariedade material*, que remete para a expectativa de apoio, em termos económicos e de cuidados, na velhice ou em momentos de necessidade (*poderá contar com eles em caso de doença e de necessidade económica*). E a *função de solidariedade emocional*, que aponta igualmente para uma expectativa de apoio, mas de contornos diferentes. Espera-se que os filhos sejam um suporte emocional constante, uma companhia ao longo da vida (*são uma companhia para toda a vida*).

A *dimensão estatutária* é analisada a partir de quatro funções. A *função identitária*, na medida em que a maternidade reconstrói a identidade da mulher, concedendo-lhe um estatuto social que é valorizado (*ser mãe realiza-a plenamente como mulher*). A *função de aquisição de autoridade*, pois os filhos constituem uma oportunidade de exercício de poder e de influência (*são alguém que lhe tem respeito e que pode educar à sua maneira*). A *função de mobilidade social*, na medida em que através dos filhos se abre um campo de possíveis no sentido de uma mobilidade ascendente. Como referem Kellerhals *et al.*, os filhos são a «segunda chance» na vida (1982, p.208), transferindo-se para eles a responsabilidade de realizar ambições que são dos pais (*poderão realizar sonhos que a senhora não conseguiu realizar [estudos, profissão, nível de vida]*). E a *função de linhagem*, que aponta para a ideia de continuidade. Os filhos são «herdeiros» tanto em termos práticos como simbólicos, na medida em que são portadores do património e/ou da história familiar (*darão continuidade à família [aos costumes, ao nome, ao património]*).

A última dimensão, a *dimensão expressiva*, é equacionada a partir de três funções. A *função de papel* dá conta da importância dos filhos enquanto motor de um conjunto de actividades quotidianas sentidas como gratificantes (*tratar deles no dia-a-dia é um prazer*). A *função de sociabi-*

lidade lúdica remete para o companheirismo, a camaradagem. Os filhos são alegres companheiros de lazeres (*são bons companheiros com quem gosta de se divertir*). E, finalmente, a *função socializadora* diz respeito ao papel dos filhos enquanto agentes de socialização. Ultrapassando-se a visão clássica de uma socialização familiar unilateral, os filhos são, também eles, produtores de saberes legítimos dentro da família (*com eles pode aprender coisas novas*).

Dimensões do lugar da criança, funções dos filhos e razões para serem tão importantes

[QUADRO N.º 9.1]

Dimensões	Funções	Razões
Afectiva	Afectiva Afectiva extrema Afectiva alargada Simbólica de coesão	«são uma fonte de alegria na sua vida» «são o único amor que dura para toda a vida» «são uma fonte de alegria para os familiares (avós, tios)» «são o símbolo do amor entre os pais»
Instrumental	Produtiva De solidariedade material De solidariedade emocional	«são uma ajuda em casa e no trabalho» «poderá contar com eles em caso de doença e de necessidade económica» «são uma companhia para toda a vida»
Estatutária	Identitária De aquisição de autoridade De mobilidade social De linhagem	«ser mãe realiza-a plenamente como mulher» «são alguém que lhe tem respeito e que pode educar à sua maneira» «poderão realizar sonhos que a senhora não conseguiu realizar (estudos, profissão, nível de vida)» «darão continuidade à família (aos costumes, ao nome, ao património)»
Expressiva	De papel De sociabilidade lúdica Socializadora	«tratar deles no dia-a-dia é um prazer» «são bons companheiros com quem gosta de se divertir» «com eles pode aprender coisas novas»

É, então, a partir deste mapeamento de funções que procuramos investigar a diversidade de expectativas que recaem sobre os filhos nas famílias portuguesas³.

³ Uma análise mais aprofundada das funções dos filhos está a ser desenvolvida pela autora na dissertação de doutoramento sobre o lugar dos filhos nas famílias portuguesas, cuja conclusão está prevista para 2005.

Numa segunda etapa do capítulo, pretendemos fazer luz sobre as clivagens aí existentes, ou seja, o modo como determinados *contextos sociais* fazem variar as significações atribuídas à criança, e tentamos perceber o impacto do *tempo social*, isto é, se estas têm evoluído ao longo das últimas décadas, já que se trata de um período rico em mudanças. Para tal, recorreremos às variáveis escolaridade e classe social da mulher e coorte de entrada na maternidade.

As funções dos filhos

Para dar conta das funções dos filhos, foi pedido às inquiridas para identificarem, a partir de um leque alargado de razões, aquelas que as levam a considerar os filhos importantes na sua vida presente (quadro n.º 9.2)⁴.

Num rápido olhar para a globalidade dos resultados, o que sobressai é a ampla adesão às razões recenseadas. Efectivamente, das 14 razões, 7 são actualmente importantes para mais de 90% das inquiridas; 10, para mais de 80%; 12, para mais de 75% e 13, para mais de 60%. Apenas uma reuniu menos consenso. O peso relativo das razões permite estabelecer, assim, uma hierarquia das funções dos filhos.

A *função afectiva* aparece, com efeito, em primeiro lugar. Praticamente todas as inquiridas consideram que os filhos «são uma fonte de alegria na sua vida»⁵. O seu lugar na ordem sentimental é um dado quase absoluto. Mas outras funções, que remetem para dimensões distintas do lugar dos filhos, seguem de perto a afectiva. Antes de mais a *função de sociabilidade lúdica* (99%), mas também a *função de papel* (97%), a *função socializadora* (97%) e a *função simbólica de coesão* (96%). Com um pouco menos de expressão, mas ainda acima dos 90%, encontram-se a *função identitária* (94%) e a *função afectiva alargada* (92%), mais uma do universo dos afectos. Em seguida encontram-se três funções com valores acima dos 80% – a *função de linhagem* (87%), a *função afectiva extrema* (86%) e a *função de aquisição de autoridade* (83%) – duas, com valores superiores a 70% – a *função de mobilidade social* (78%) e a *função de solidariedade emocional* (75%) – e mais uma, com valor acima dos 60%

⁴ O enunciado das questões é o seguinte: «Os filhos são muito importantes na nossa vida. Das razões abaixo indicadas, e pensado concretamente nos seus filhos, gostaria que me dissesse por que é que eles são importantes hoje para si».

⁵ Apenas 3 responderam negativamente.

– a *função de solidariedade material*. Finalmente, aquela que reuniu francamente menos acordo foi a *função produtiva* (40%).

As funções dos filhos
(em percentagem)

[QUADRO N.º 2]

Razões pelas quais os seus filhos são hoje importantes para si	Sim	Não	NS/NR	Total
1. Função afectiva São uma fonte de alegria na sua vida.....	99,8	0,2	–	100
2. Função de sociabilidade lúdica São bons companheiros com quem gosta de se divertir.	98,5	1,5	–	100
3. Função de papel Tratar deles no dia-a-dia é um prazer.....	97,0	2,9	0,1	100
4. Função socializadora Com eles pode aprender coisas novas.....	96,8	3,1	0,1	100
5. Função simbólica de coesão São o símbolo do amor entre os pais.....	96,1	3,8	0,1	100
6. Função identitária Ser mãe realiza-a plenamente como mulher.....	94,4	5,5	0,2	100
7. Função afectiva alargada São uma fonte de alegria para os familiares (avós, tios)	92,3	7,3	0,3	100
8. Função de linhagem Darão continuidade à família (aos costumes, ao nome, ao património).....	87,3	11,6	1,1	100
9. Função afectiva extrema São o único amor que dura para toda a vida.....	86,0	13,3	0,7	100
10. Função de aquisição de autoridade São alguém que lhe tem respeito e que pode educar à sua maneira.....	82,8	16,9	0,3	100
11. Função de mobilidade social Poderão realizar sonhos que a senhora não conseguiu realizar (estudos, profissão, nível de vida).....	77,6	21,2	1,2	100
12. Função de solidariedade emocional São uma companhia para toda a vida.....	75,1	23,3	1,7	100
13. Função de solidariedade material Poderá contar com eles em caso de doença e de neces- sidade económica.....	64,9	31,0	4,1	100
14. Função produtiva São uma ajuda em casa e no trabalho.....	40,3	59,5	0,2	100
Outra razão.....	6,8	93,0	0,2	100

Ora, a partir destes primeiros resultados é já possível tirar algumas ilações sobre as funções dos filhos. Antes de mais, constata-se a clara desvalorização das funções instrumentais, já que as percentagens de respostas positivas ficam bastante aquém das restantes. No entanto, apesar de se

posicionarem na cauda da lista, há diferenças visíveis entre elas. No que respeita às funções de solidariedade, que remetem essencialmente para um apoio a longo prazo, a emocional é importante para mais inquiridas do que a material. Tal aponta para maiores expectativas de retorno em companhia e apoio moral do que em ajuda prática, o que é revelador de alguma recusa da ideia de que os filhos devem retribuir, na mesma moeda, os cuidados prestados e o investimento económico que os pais fazem na sua criação e educação. Esta função é ainda a que suscita mais dúvidas, já que para 4% das inquiridas esta dimensão do lugar dos filhos é um livro em aberto. Mas a função mais rejeitada é, sem dúvida, a produtiva. Começa a distanciar-se a imagem dos filhos enquanto braços de trabalho, tanto no espaço doméstico como profissional, e como co-responsáveis pelo sustento do agregado familiar. Todavia, não podemos deixar de considerar significativo o facto de 4 inquiridas em 10 valorizarem ainda esta função tradicional dos filhos, o que aponta para uma realidade social portuguesa marcada por clivagens profundas no que respeita às representações do lugar da criança na família.

Quanto às funções de natureza afectiva, embora globalmente importantes para um conjunto muito significativo de inquiridas, também registam ligeiras diferenças. Olhando apenas para as funções afectivas alargada e extrema – já que o lugar dos filhos enquanto fonte de alegria na vida não é de todo surpreendente – verifica-se que a primeira função é importante para mais inquiridas do que a segunda. Este é um dado muito interessante, pois mais uma vez se confirma a fragilidade das teses funcionalistas, do isolamento afectivo da família conjugal, que marcaram a Sociologia dos anos 50 e 60 (Parsons, 1955; Bassand e Kellerhals, 1975). A criança é também valorizada pela alegria que dá a outros familiares, nomeadamente avós e tios. De facto ela é, enquanto catalisadora espontânea de afectos, um elemento-chave na reafirmação dos laços familiares, do «espírito de família» (Attias-Donfut *et al.*, 2002). Este significado atribuído à criança é, portanto, mais transversal do que a expectativa nela depositada de reduzido afectivo. Contudo, não deixa de ser muito elevada a percentagem de inquiridas que vê neste laço a possibilidade de amor ímpar e duradouro, por comparação à vulnerabilidade de todos os outros laços afectivos.

No que respeita às funções expressivas, elas traduzem a democratização das relações entre pais e filhos. Estes são, assim, promovidos a «pares», tanto ao nível das sociabilidades como ao nível dos saberes de que são portadores.

Em resumo, há uma tendência para valorizar as funções que remetem para as dimensões afectiva e expressiva do lugar da criança na família. Os afectos, o papel, a simbólica de coesão, a sociabilidade e a socialização

«às avessas» são, assim, funções muito generalizadas. De tal modo que é legítimo pensar que, certamente, não introduzem clivagens sociais significativas. Fazem parte, afinal, de um quadro de valores amplamente partilhado, que não deixa à margem nenhuma franja da sociedade portuguesa.

As duas funções mais importantes

A partir do mesmo leque de razões, as inquiridas foram ainda questionadas sobre as duas que consideram mais significativas⁶. Colocada a questão nestes termos, verifica-se uma profunda reorganização no mapa das funções dos filhos, com excepção do lugar ocupado pela *função afectiva*. De facto, esta função destaca-se ainda mais do que no quadro anterior, pois é francamente preferida a todas as outras quando há que escolher apenas duas: 72% das inquiridas referiram que uma das duas razões fundamentais para os filhos serem tão importantes é o facto de serem uma fonte de alegria na sua vida.

As duas funções fundamentais dos filhos (percentagem de casos)

[QUADRO N.º 3]

Duas razões fundamentais para que eles sejam hoje tão importantes na sua vida		Percentagem de casos
1. (1)	Função afectiva.....	71,7
2. (5)	Função simbólica de coesão.....	49,6
3. (9)	Função afectiva extrema.....	24,6
4. (12)	Função de solidariedade emocional.....	10,9
5. (11)	Função de mobilidade social.....	9,5
6. (6)	Função identitária.....	9,1
7. (3)	Função de papel.....	6,6
8. (2)	Função de sociabilidade lúdica.....	4,3
9. (8)	Função de linhagem.....	2,5
10. (4)	Função socializadora.....	2,1
11. (14)	Função produtiva.....	1,8
12. (7)	Função afectiva alargada.....	1,6
13. (13)	Função de solidariedade material.....	1,6
14. (10)	Função de aquisição de autoridade.....	0,6
	Outra razão.....	1,0

⁶ O enunciado da questão é o seguinte: «Das razões que assinalou, gostaria que me dissesse quais as duas fundamentais para que eles sejam hoje tão importantes na sua vida».

A segunda função mais referida é agora a *simbólica de coesão*. Para metade das inquiridas, uma das duas razões fundamentais para os filhos serem tão importantes nas suas vidas é o facto de simbolizarem o amor que une o casal. Em terceiro lugar aparece a *função afectiva extrema*. A esperança depositada neste laço sentimental, que se crê singular e peregrina, é central para um quarto das inquiridas. Muito atrás surge a *função de solidariedade emocional* (11%); a expectativa que os filhos sejam uma companhia garantida para a vida; a *função de mobilidade social* (10%), o desejo que alcancem as metas sociais que os pais não tiveram oportunidade de alcançar; a *função identitária* (9%), o sentimento de realização pessoal alcançado através da maternidade; e a *função de papel* (7%), a gratificação que os cuidados quotidianos aos filhos proporcionam. As restantes funções revelaram-se, então, pouco significativas. Nenhuma foi referida por mais de 4,3% das inquiridas.

Ora, este quadro de resultados é muito concludente, pois faz luz sobre as funções dos filhos mais valorizadas. Se é verdade que as inquiridas foram levadas a fazer uma escolha porventura redutora, também é verdade que a importância atribuída de forma generalizada a muitas das funções mapeadas no quadro n.º 9.2 encobre o facto de umas serem efectivamente mais importantes do que outras na ordem simbólica destas mães. Exemplo evidente desta discrepância é o facto de termos registado, nesse quadro, um amplo consenso em torno de funções como a de sociabilidade lúdica, a socializadora, a afectiva alargada e mesmo a de linhagem, a par da sua fraca expressão no quadro n.º 9.3. Não obstante, estes dados não infirmam ou invalidam os anteriores, apenas permitem equacionar de forma mais esclarecida a hierarquia das funções dos filhos. Nesta mesma perspectiva, também algumas funções ganham aqui outro relevo, como é o caso das funções de solidariedade emocional e de mobilidade social, pois, ao contrário do que vimos no quadro anterior, são mais valorizadas do que as de natureza expressiva.

As dimensões afectiva, expressiva, estatutária e instrumental

Uma maneira interessante de olhar para as duas funções fundamentais dos filhos é agrupando-as de acordo com a sua natureza, isto é, nas *dimensões afectiva, estatutária, instrumental e expressiva*. Ora, quando temos em linha de conta aquelas funções dos filhos à luz das quatro dimensões (quadro n.º 9.4), confirmamos a centralidade das funções afectivas no qua-

dro de valores das mães, já que 95% das inquiridas referiram pelo menos uma desta natureza.

Dimensões das funções fundamentais dos filhos
percentagem de casos)

[QUADRO N.º 4]

Pelo menos uma função da...	Percentagem de casos	Número de funções	Percentagem casos/número funções
Dimensão afectiva.....	95,3	(4)	23,8
Dimensão estatutária.....	21,2	(4)	5,3
Dimensão instrumental.....	14,0	(3)	4,7
Dimensão expressiva.....	12,4	(3)	4,1

Para além deste resultado, que já não é novidade, este quadro também chama a atenção para o outro dado interessante, que é a hierarquia das restantes dimensões. A estatutária aparece, então, em segundo plano, com 21% das inquiridas a privilegiarem pelo menos uma função desta natureza, e a instrumental em terceiro, com 14% de respostas. A dimensão expressiva, amplamente valorizada quando olhamos o quadro n.º 9.2, é assim a menos referida quanto temos em linha de conta as duas funções fundamentais.

Mas esta distribuição não é alheia ao facto das dimensões afectiva e estatutária reunirem quatro funções, enquanto que a instrumental e a expressiva apenas três. Para contornar esta questão, a última coluna resulta de um exercício simples, que consiste na divisão dos valores da primeira coluna pelo número de funções dessa dimensão, de modo a obter um valor médio por função. Assim, apesar daquela hierarquia não sofrer alterações, há uma aproximação significativa das dimensões estatutária, instrumental e expressiva. Por outras palavras, a percentagem de inquiridas que mencionam pelo menos uma função respeitante àquelas três dimensões é muito semelhante, variando apenas cerca de um ponto percentual entre a estatutária e a expressiva.

Nesta linha de análise podemos ainda dar conta dos pares de dimensões, a partir da combinação das funções fundamentais dos filhos (quadro n.º 9.5). O par mais frequente, referido por mais de metade das inquiridas, é portanto aquele que combina duas funções da dimensão afectiva. Muito

atrás surgem as combinações: afectiva/estatutária com 19%; afectiva/instrumental com 12%; e afectiva/expressiva com 11%. Os restantes seis pares, que excluem então a dimensão afectiva, apresentam valores residuais, somando no seu conjunto apenas 4%.

Pares de dimensões e respectivos pares de funções fundamentais
(em percentagem)⁷

[QUADRO N.º 5]

Pares de dimensões	Pares de funções	Porcentagem
Afectiva e afectiva	Afectiva e simbólica de coesão.....	33,4
	Afectiva e afectiva extrema.....	12,8
	Simbólica de coesão e afectiva extrema.....	6,5
	Outros pares.....	1,3
	Total	54,0
Afectiva e estatutária	Afectiva e de mobilidade social.....	5,1
	Afectiva e identitária.....	4,2
	Simbólica de coesão e de mobilidade social.....	2,4
	Simbólica de coesão e identitária.....	2,2
	Outros pares.....	5,2
Total	19,1	
Afectiva e instrumental	Afectiva e de solidariedade emocional.....	6,3
	Simbólica de coesão e de solidariedade emocional...	2,2
	Outros pares.....	3,9
	Total	12,4
Afectiva e expressiva	Afectiva e de papel.....	4,2
	Afectiva e de sociabilidade lúdica.....	2,2
	Outros pares.....	4,1
	Total	10,5
Outros pares estatutária e expressiva estatutária e instrumental expressiva e expressiva estatutária e estatutária instrumental e expressiva instrumental e instrumental		1,0
		0,9
		0,7
		0,6
		0,4
		0,3
Total	4,0	
total geral		100,0

⁷ Na medida em que o objectivo deste quadro consiste na identificação dos pares de dimensões, foram excluídas da análise duas situações: aquela em que a inquirida não respondeu a uma ou às duas razões fundamentais; e aquela em que referiu «outra razão». Sendo assim, o total deste quadro não corresponde aos 1776 casos da amostra, mas a 1720.

É também interessante olhar para o interior das dimensões, ou seja, para os pares de funções. Não para todos, pois são muitos, mas apenas para os mais significativos. Assim, quando estamos perante duas dimensões de natureza afectiva, o par que mais se destaca é composto pela função afectiva e pela função simbólica de coesão: foi referido por um terço do total das inquiridas. O segundo par, com menos 20% de respostas do que o anterior, é o par função afectiva/afectiva extrema. E o terceiro, com 7% de respostas, é o par função simbólica de coesão/afectiva extrema.

Quanto às funções contidas nas dimensões afectiva/estatutária, os pares resultam essencialmente da combinação das funções afectiva e simbólica de coesão com as funções identitária e de mobilidade social. Já a dimensão afectiva/instrumental tem como única função significativa de natureza instrumental a de solidariedade emocional, enquanto que a dimensão afectiva/expressiva tem as funções de papel e de sociabilidade lúdica.

Este rápido olhar para o interior das dimensões permite não só confirmar a preponderância de umas funções sobre as outras (reproduzindo, de alguma forma, a hierarquia observada no quadro n.º 9.3), mas também o modo como se combinam entre si. Assim, quanto falamos da dimensão afectiva, referimo-nos basicamente a três funções: a afectiva, a afectiva extrema e a simbólica de coesão. As combinações entre elas estão presentes em mais de metade da amostra, o que é revelador da sua centralidade para a compreensão do lugar da criança na ordem simbólica familiar.

Curioso é o facto da função afectiva extrema, ao contrário das outras duas, não se ligar a nenhuma função de outra dimensão, como se só fizesse sentido num quadro denso de expectativas desta natureza. São, por conseguinte, as funções simbólica de coesão e afectiva que fazem par com as funções das restantes dimensões.

Mas o par sem dúvida mais frequente é, como vimos, o que combina estas duas funções. Este dado vem claramente de encontro às conclusões que, nos finais dos anos 70, Kellerhals *et al.*, retiraram do caso suíço (1982), ou seja, de que estas são as principais razões que, invariavelmente, motivam a procriação. A reprodução destes resultados algumas décadas depois e noutro espaço geográfico leva-nos a equacionar a estabilidade e a generalização destes valores associados à criança.

A dimensão mais tradicional do lugar dos filhos

Para finalizar o retrato do lugar dos filhos na família, procurámos perceber de que modo as funções dos filhos se combinam entre si no universo

das representações das inquiridas. Por outras palavras, na medida em que os filhos são hoje importantes na vida destas mulheres por uma ampla gama de razões, quisemos saber se havia funções que, associadas, apontassem para quadros de valores distintivos. A partir de uma análise de correspondências múltiplas de tipo *homals*, efectuada sobre as 14 razões mapeadas, obtivemos apenas uma dimensão estatisticamente significativa (Eigenvalue $\geq 0,2$), que reuniu metade daquelas funções⁸: *a afectiva alargada, a de linhagem, a de aquisição de autoridade, a de mobilidade social, as de solidariedade emocional e material e a produtiva.*

Funções isoladas pela dimensão resultante da análise de correspondências múltiplas

[QUADRO N.º 6]

Natureza das funções	Funções	Dimensão 1 (eigenvalue = 0,246)	Dimensão 2 (eigenvalue = 0,104)
Afectiva.....	Afectiva.....	0,024	0,317
	Afectiva extrema.....	0,173	0,075
	Afectiva alargada.....	0,363	0,079
	Simbólica de coesão.....	0,169	0,012
Expressiva.....	De sociabilidade lúdica.....	0,116	0,390
	De papel.....	0,134	0,045
	Socializadora.....	0,115	0,310
Estatutária.....	Identitária.....	0,219	0,003
	De linhagem.....	0,383	0,009
	De aquisição de autoridade...	0,397	0,063
	De mobilidade social.....	0,414	0,049
Instrumental.....	De solidariedade emocional..	0,257	0,010
	De solidariedade material....	0,415	0,057
	Produtiva.....	0,271	0,042

Ora, trata-se de uma dimensão do lugar dos filhos de contornos manifestamente tradicionais, na medida em que o que está aqui em jogo é uma constelação de valores que caracterizava a vida familiar no passado. Falamos concretamente das diversas expectativas instrumentais e estatutárias que recaíam sobre os filhos, assim como do seu papel-chave na reafirmação dos laços familiares em sentido amplo. O facto é que esta dimensão, ao associar todas as funções de natureza instrumental, praticamente todas as de natureza estatutária e a função afectiva alargada, chama

⁸ Funções cujos scores são superiores ao Eigenvalue da própria dimensão (Pestana e Gageiro, 2000).

a atenção para a constância de valores que vulgarmente são associados a um contexto temporal recuado.

Mas, qual é o peso efectivo desta dimensão na amostra? Que afinidade têm as inquiridas com estas funções? Teoricamente, o grau de adesão a esta constelação de valores mais tradicionais pode variar consideravelmente, entre a adesão total, quando todas estas funções são importantes para as inquiridas, e a rejeição, quando nenhuma é mencionada. Mas o que se verifica é, efectivamente, a adesão elevada a estes valores (quadro n.º 9.7), já que 55% das inquiridas referiram 6 a 7 funções da dimensão tradicional. A rejeição é, bem pelo contrário, pouco frequente: 1,3% das inquiridas rejeitaram em absoluto esta dimensão; e 8% mencionaram somente 1 ou 2 funções. A média é, então, de 5,2.

Número de funções da dimensão tradicional
(em percentagem)

[QUADRO N.º 7]

Número de funções	Percentagem	Percentagem acumulada
0.....	1,3	1,3
1.....	3,3	4,6
2.....	4,7	9,2
3.....	8,6	17,8
4.....	12,0	29,8
5.....	15,1	44,9
6.....	27,1	72,1
7.....	27,9	100,0
<i>Total</i>	100,0	

Média = 5,2.

Os resultados apontam, portanto, para a valorização ainda significativa desta dimensão do lugar dos filhos na sociedade portuguesa. E são essencialmente estes valores instrumentais e estatutários que estruturam, hoje em dia, as clivagens sociais, na medida em que podem estar mais ou menos presentes nas representações que se tem da criança e da infância. No entanto, não podemos esquecer que esta realidade anda a par com outra ainda mais generalizada, que é a unanimidade em torno de valores afectivos e expressivos. Como vimos no quadro n.º 9.7, a análise de correspondências, ao isolar apenas a dimensão tradicional, vem confirmar o que já era ponto assente, ou seja, que aqueles valores constituem o subs-

trato comum que está na base da construção do lugar dos filhos na família contemporânea.

O impacto do contexto e do tempo social

A escolaridade e a classe social

O capítulo da fecundidade permitiu dar conta do impacto do contexto social nas representações, nas aspirações e nas práticas procriativas das mulheres portuguesas. De facto, a diversidade encontrada ao nível dos seus ideais, descendências, planeamentos e calendários foi em grande medida explicada por variáveis macrossociais. E as funções dos filhos? Será que as expectativas que neles são depositadas também dependem do contexto social? A verdade é que, tradicionalmente, o que se esperava e exigia dos filhos era fortemente balizado pelas condições sociais das famílias. Será que, nos nossos dias, estas diferenças se mantêm ou estão mais atenuadas devido à difusão da norma da afectividade como substrato das relações familiares? Regista-se alguma tendência no sentido de uma maior homogeneidade das funções da criança?

Grau de adesão à dimensão tradicional

Uma das variáveis que se revelou mais influente para compreender os diferentes perfis de fecundidade foi, sem dúvida, a escolaridade. Esta continua a ser, no panorama português, uma variável incontornável para dar conta das principais clivagens no que respeita às práticas e às representações no campo da família.

Com efeito, o impacto desta variável é também muito significativo no grau de adesão das inquiridas à dimensão tradicional, que revela resultados muito interessantes (quadro n.º 9.8)⁹. A tendência é, então, para a adesão aumentar à medida que diminuem os capitais escolares. Este dado é inequívoco quando olhamos para a média de funções tradicionais referidas: é de 5,8 no caso das inquiridas sem escolaridade e com o ensino primário; de 5,2 no caso das que têm o preparatório/básico; de 4,5 para as do

⁹ Consideramos a adesão *fraca* (18%) quando são referidas até 3 funções das 7 possíveis, *média* (27%) quando são referidas 4 a 5 funções e *forte* (55%) quando são referidas entre 6 e 7 funções.

secundário; de 3,5 para as que têm o curso médio; e de 3,4 para as licenciadas.

Grau de adesão à dimensão tradicional segundo a escolaridade
(em percentagem)

[QUADRO N.º 8]

Escolaridade	Grau de adesão				
	Fraca	Média	Forte	Total	Média
Sem escolaridade.....	11,5	14,1	74,4	100	5,82
Ensino primário.....	8,5	21,5	70,0	100	5,78
Ensino preparatório/básico.....	14,9	31,5	53,5	100	5,23
Ensino secundário.....	31,2	30,7	38,2	100	4,49
Curso médio/licenciatura incompleta.....	45,0	38,0	17,0	100	3,54
Licenciatura e grau superior.....	54,8	33,3	11,8	100	3,41
Todos.....	17,8	27,1	55,1	100	5,20

CC = 0,380; Sig. = 0,000/Eta Squared = 0,173.

As inquiridas que têm no máximo 4 anos de escolaridade destacam-se, então, pela forte adesão à dimensão tradicional a par da subrepresentação tanto na adesão fraca como na média. O cenário é exactamente oposto quando temos em linha de conta as inquiridas com pelo menos um curso médio: a maioria revela uma adesão fraca e poucas são as que se encontram no outro extremo (17% no caso das que têm o curso médio ou a licenciatura incompleta e 12% no caso das mais escolarizadas). As inquiridas com o secundário são as que se distribuem de modo mais uniforme, embora encontrando-se sobrerrepresentadas na adesão fraca e subrepresentadas na forte. E as inquiridas com o preparatório/básico têm, mais uma vez, um perfil próximo do da amostra, com mais de metade a posicionar-se na adesão forte.

Quando equacionamos o grau de adesão à luz da classe social deparamo-nos, também, com quatro posições distintas (quadro n.º 9.9): a das inquiridas das classes ligadas ao operariado, aos serviços desqualificados e às actividades agrícolas, que amplamente revelam uma adesão forte à dimensão tradicional; a das empregadas executantes e das independentes, cuja posição se cola ao perfil amostral; a das profissionais técnicas, que se repartem mais ou menos uniformemente, mas onde se destaca a adesão média; e a das empresárias e profissionais intelectuais, que se situam com

frequência na adesão fraca e só residualmente na forte. Em termos do número médio de funções referidas, destacam-se, em particular, as empresárias e profissionais intelectuais, que referem em média 3,6 funções, e as camponesas, com 5,9 funções.

Grau de adesão à dimensão tradicional segundo a classe social
(em percentagem)

[QUADRO N.º 9]

Classe Social ¹⁰	Grau de adesão				
	Fraca	Média	Forte	Total	Média
ED e PIC.....	49,2	34,9	15,9	100	3,56
PTEI.....	30,2	36,5	33,3	100	4,35
IPP.....	17,5	28,0	54,5	100	5,19
EE.....	19,3	28,7	52,0	100	5,09
ENQ.....	12,2	22,8	65,0	100	5,57
OI.....	8,0	26,2	65,8	100	5,70
AA.....	12,3	24,6	63,2	100	5,49
C.....	8,7	18,5	72,8	100	5,90
Todos.....	17,8	27,4	54,8	100	5,20

CC = 0,346; Sig. = 0,000/Eta Squared = 0,143.

As dimensões afectiva, expressiva, estatutária e instrumental

Os cruzamentos da escolaridade com as dimensões que agrupam as funções dos filhos permitem retirar ilações importantes (quadro n.º 9.10). Uma delas é que a dimensão estatutária, não sendo o cruzamento estatisticamente significativo, não é interessante do ponto de vista analítico. Outra ilação diz respeito à dimensão afectiva: se é verdade que, para a esmagadora maioria das inquiridas, pelo menos uma função desta natureza faz parte do leque restrito das funções mais valorizadas, também é certo que o seu peso é ligeiramente menor no caso das mulheres mais escolarizadas (o único abaixo dos 90%). Finalmente, são as dimensões expressiva e instrumental que mais contribuem para esta análise, na medida em que introduzem as diferenças mais significativas à luz do grau de escolaridade. A

¹⁰ ED e PIC – Empresárias e dirigentes e Profissionais intelectuais e científicas; PTEI – Profissionais técnicas e de enquadramento intermédio; IPP – Independentes e pequenas patroas; EE – Empregadas executantes; ENQ – Empregadas não qualificadas dos serviços; OI – Operárias industriais; AA – Assalariadas agrícolas; C – Camponesas.

dimensão expressiva é tanto mais valorizada quanto mais escolarizadas são as inquiridas. Inclusivamente, para aquelas que têm o ensino médio e superior, esta passa a ser a segunda dimensão mais referida (25 e 32%, respectivamente), enquanto que quando olhamos para a amostra no seu conjunto esta dimensão aparece em último lugar. Em contrapartida, a dimensão instrumental é claramente valorizada por aquelas que têm poucos ou nenhuns recursos escolares, de tal modo que a percentagem de inquiridas que mencionam pelo menos uma função desta natureza (23% das que não têm escolaridade e 19% das que têm o primário) é ligeiramente superior à daquelas que mencionam pelo menos uma estatutária.

Dimensões segundo a escolaridade
(percentagem de casos)

[QUADRO N.º 10]

Escolaridade	Pelo menos uma função da dimensão			
	Afectiva	Expressiva	Estatutária	Instrumental
Sem escolaridade.....	94,9	7,7	21,8	23,1
Ensino primário.....	95,5	9,6	18,0	19,0
Ensino preparatório/básico.....	97,0	9,7	23,5	10,1
Ensino secundário.....	94,5	17,1	25,1	8,5
Curso médio/licenciatura incompleta.....	93,0	25,0	18,0	10,0
Licenciatura e grau superior.....	87,1	32,3	25,8	8,6
Todos.....	95,3	12,4	21,2	14,0
	CC =	CC =	CC =	CC =
	0,103;	0,185;	0,074;	0,142;
	Sig. =	Sig. =	Sig. =	Sig. =
	0,002	0,000	0,082	0,000

O quadro de cruzamentos com a classe social não difere muito do anterior. Mantém-se, aliás, a regularidade interessante que tende a opor as dimensões expressiva e instrumental. Ou seja, as inquiridas que valorizam a dimensão expressiva tendem a desvalorizar a instrumental e vice-versa. Assim, enquanto que as mulheres ligadas aos serviços pouco qualificados, à indústria e ao trabalho agrícola encontram mais sentido na dimensão instrumental (em particular as camponesas) e menos na expressiva (em particular as assalariadas agrícolas), o inverso acontece com as mais qualificadas, incluindo as que têm profissões técnicas e intermédias. Estas caracterizam-se ainda por apontarem um pouco menos a dimensão afecti-

va, o que decorrerá certamente do peso que a dimensão expressiva se reveste para estas mulheres.

Dimensões segundo a classe social
(percentagem de casos)

[QUADRO N.º 9.11]

Classe social	Pelo menos uma função da dimensão			
	Afectiva	Expressiva	Estatutária	Instrumental
ED e PIC.....	90,5	28,6	23,3	7,4
PTEL.....	88,9	22,2	28,6	4,8
IPP.....	97,7	13,2	20,6	10,9
EE.....	96,9	9,4	22,2	12,5
ENQ.....	95,1	6,9	23,6	15,9
OI.....	95,3	10,8	19,5	15,9
AA.....	96,5	5,3	15,8	17,5
C.....	96,7	10,9	17,4	22,8
Todos.....	95,3	12,5	21,3	13,5
	CC =	CC =	CC =	CC =
	0,111;	0,190;	0,060;	0,114;
	Sig. =	Sig. =	Sig. =	Sig. =
	0,003	0,000	0,510	0,002

As duas dimensões mais importantes

Avaliada a importância de cada dimensão à luz do contexto social das inquiridas, e já que não é praticável olhar para os pares de funções considerados mais importantes devido ao grande número de combinações encontrado, passemos então aos pares de dimensões.

Ora, como já observámos, o par mais frequente é o «afectivo-afectivo», ou seja, aquele que combina duas funções da dimensão afectiva (54%). Embora este par seja maioritário em todos os níveis de ensino tem, todavia, pesos diferenciados, sendo menos expressivo tanto para as inquiridas sem escolaridade como para as que têm pelo menos o curso médio ou a licenciatura incompleta (quadro n. 9.12). No entanto, a menor frequência deste par traduz-se em preferências distintas por parte destas inquiridas. Como seria previsível, as primeiras estão sobrerrepresentadas no par «afectivo-instrumental» e subrepresentadas no par «afectivo-expressivo» bem como nos «outros pares» (dos quais está ausente a dimensão afectiva), passando-se exactamente o oposto com as segundas. Em relação às

restantes inquiridas, há ainda a assinalar o facto de as que fizeram o primário referirem com alguma frequência o par «afectivo-instrumental», as que fizeram o secundário, os pares «afectivo-expressivo» e «afectivo-estatutário», e as que fizeram o preparatório/básico serem de todas as mais centradas no «afectivo-afectivo» e no «afectivo-estatutário».

Pares de dimensões segundo a escolaridade
(em percentagem)¹¹

[QUADRO N.º 9.12]

Escolaridade	Pares de dimensões					Outros pares	Total
	Afectiva +						
	Afectiva	Expressiva	Estatutária	Instrumental			
Sem escolaridade.....	49,3	6,7	20,0	22,7	1,3	100	
Ensino primário.....	55,4	8,3	15,8	16,7	3,8	100	
Ensino preparatório/básico.....	56,9	8,8	22,4	9,1	2,8	100	
Ensino secundário.....	52,3	13,5	21,8	7,8	4,7	100	
Curso médio/licenciatura incompleta.....	47,4	21,1	15,8	8,4	7,4	100	
Licenciatura e grau superior.....	38,2	23,6	20,2	6,7	11,2	100	
Todos.....	54,0	10,5	19,1	12,4	4,0	100	

CC = 0,227; Sig. = 0,000.

Quando olhamos para a classe social (quadro n.º 9.13) constatamos que as inquiridas com profissões empresárias, científicas e técnicas têm um perfil semelhante ao das mais escolarizadas – com um maior acento no par «afectivo-expressivo» e um menor acento no par «afectivo-afectivo» e «afectivo-instrumental» – e que as camponesas têm o perfil mais próximo do das mulheres sem escolaridade, no qual se destaca o peso da dimensão instrumental e a subrepresentação do par «afectivo-afectivo». As restantes inquiridas têm, em regra, uma distribuição parecida à da amostra, sendo que as que desempenham as actividades menos qualificadas revelam uma menor adesão à dimensão expressiva por contraponto à instrumental.

¹¹ Na medida em que o objectivo deste quadro consiste na identificação dos pares de dimensões, foram excluídas da análise duas situações: aquela em que a inquirida não respondeu a uma ou às duas razões fundamentais; e aquela em que referiu «outra razão». Sendo assim, o total deste quadro não corresponde aos 1776 casos da amostra, mas a 1720.

Pares de dimensões segundo a classe social
(em percentagem)¹²

[QUADRO N.º 9.13]

Classe social	Pares de dimensões					
	Afectiva +				Outros pares	Total
	Afectiva	Expressiva	Estatutária	Instrumental		
ED e PIC.....	42,8	22,8	20,0	5,6	8,9	100
PTEI.....	47,5	14,8	23,0	4,9	9,8	100
IPP.....	56,5	12,3	19,0	9,9	2,4	100
EE.....	56,5	8,5	20,6	11,8	2,6	100
ENQ.....	55,2	5,0	21,2	14,5	4,1	100
OI.....	56,2	9,2	17,2	13,7	3,7	100
AA.....	64,3	5,4	12,5	14,3	3,6	100
C.....	48,9	10,2	17,0	21,6	2,3	100
Todos.....	54,3	10,5	19,1	12,1	4,1	100

CC = 0,223; Sig. = 0,000.

As duas funções mais importantes

A análise que temos vindo a fazer ficaria incompleta se não nos debruçássemos sobre as funções dos filhos propriamente ditas. É que alguns resultados não deixam de suscitar curiosidade, nomeadamente o facto da dimensão estatutária não se revelar muito interessante. Mas o que é que este dado significa? Que é transversal a valorização destas funções? Que não introduz clivagens sociais? Ou, pelo contrário, não haverá funções, deste leque que categorizámos de estatutário, que são mais significativas no quadro de valores de algumas inquiridas? O mesmo raciocínio pode ser aplicado para as funções dos filhos inscritas nas restantes dimensões. Se o universo dos afectos é um dado incontornável, será que há funções que são mais estruturadoras de algum contexto social? E no que respeita às dimensões expressiva e instrumental, que são as mais diferenciadoras, de que expectativas estamos a falar? Passemos, então, ao quadro n.º 9.14.

No que se refere à dimensão estatutária, verifica-se que há efectivamente duas funções que se relacionam de forma significativa com o percurso escolar das inquiridas: a identitária e a de mobilidade social. A primeira revela-se fundamental sobretudo para as mulheres mais escolarizadas, nomeada-

¹² Idem.

9.14

mente a partir do ensino secundário. Este dado é muito interessante, pois faz luz sobre a importância que a maternidade tem para as mesmas. A sua identidade não se alicerça apenas num espaço exterior à vida familiar, como por exemplo a actividade profissional, mas também na maternidade, que sentem como uma importante fonte de realização. Tratam-se, portanto, de dois domínios que se complementam mais do que se contrapõem. Por seu lado, a mobilidade social marca mais o universo das inquiridas com menos recursos escolares, ou seja, no máximo com o preparatório/básico. É um dado de certa forma previsível, pois se há quem tenha mais dificuldades na concretização dos seus sonhos em termos de estudos, profissão ou nível de vida, são certamente elas.

A dimensão afectiva apresenta apenas uma função estatisticamente significativa, a função simbólica de coesão, que se destaca curiosamente pela sua presença menos significativa tanto no universo das inquiridas mais escolarizadas como daquelas que não completaram qualquer grau de ensino. O lugar dos filhos enquanto símbolo do amor conjugal é, então, menos central nestes contextos sociais tão díspares, eventualmente porque é também aqui que a ideologia do amor romântico tem menos força (Aboim, 2004).

Na dimensão expressiva sobressaem as funções socializadora e de sociabilidade lúdica. Tratam-se de funções tão mais fundamentais quanto escolarizadas são as mães, marcando de forma clara o quadro de valores das inquiridas com o ensino superior (completo ou não).

Finalmente, a solidariedade emocional é a única função que se destaca no âmbito da dimensão instrumental. Ao contrário do que acontece com as duas anteriores, esta faz sentido para as inquiridas com pouca ou nenhuma escolaridade. São então elas que, mais frequentemente, esperam que os filhos sejam um apoio moral para a vida.

Já quando temos em conta a classe social da inquirida, as funções que se revelam significativas do ponto de vista estatístico não são exactamente as mesmas (quadro n.º 9.15), de tal modo que, no caso da dimensão afectiva, não há nenhuma a assinalar.

Na dimensão instrumental, já não é a solidariedade emocional que se revela significativa e sim a solidariedade material, marcando concretamente as expectativas das camponesas. A expectativa de ajuda na velhice e na doença é, então, uma das duas funções mais importantes para 7% daquelas, o que indica, de certa forma, alguma permanência de um traço que caracterizava a dinâmica das famílias camponesas que era o papel central dos filhos na prestação de cuidados aos pais idosos (Wall, 1998a).

Como já tinha ficado claro, a dimensão expressiva marca muito particularmente a perspectiva que as mulheres mais qualificadas têm do lugar

9.15

da criança. No entanto, há diferenças a assinalar quando olhamos para as três funções que a constituem: a de papel (que tem aqui algum significado estatístico ao contrário do que acontecia no quadro n.º 9.17) aparece, antes de mais, nas escolhas das profissionais técnicas e de enquadramento intermédio (13%); já a de sociabilidade lúdica está presente muito acima da média nas respostas das empresárias e das profissionais intelectuais (15%); enquanto que a função socializadora é uma das duas funções fundamentais tanto para aquelas como para estas (10%).

Por fim, a dimensão estatutária é a única em que as funções estatisticamente significativas – a de mobilidade social e a identitária – coincidem com as do quadro anterior. Sem surpresa, constatamos que são as inquiridas muito qualificadas que menos referem a mobilidade e que são as camponesas e as operárias que mais o fazem. E que praticamente o oposto sucede com a aquisição de identidade, estando esta função particularmente presente nas escolhas das profissionais técnicas (22%).

A coorte de entrada na maternidade

A sociedade portuguesa foi palco, nas últimas décadas, de grandes mudanças políticas, económicas e sociais, constituindo a Revolução de 1974 um ponto de viragem decisivo, um voltar de página da nossa história. Os ideais do 25 de Abril entraram, também, na vida familiar democratizando as relações no seu interior, tanto entre cônjuges como entre pais e filhos. Por outro lado, as condições materiais de existência das famílias também têm vindo a modificar-se, permitindo a gradual libertação dos filhos de atribuições instrumentais, como a participação no trabalho doméstico, a contribuição económica ou a assistência na velhice.

Ora, será que ao equacionarmos as funções dos filhos à luz da coorte de entrada na maternidade vislumbramos estas mudanças? As mulheres que foram mães no início dos anos 70 revelam uma concepção mais tradicional do lugar da criança do que aquelas que tiveram filhos depois do 25 de Abril?

O grau de adesão à dimensão tradicional é uma das variáveis que melhor retrata esta realidade, pois confirma, sem dúvida, o perfil mais tradicional das inquiridas que entraram na maternidade na primeira metade dos anos 70 (quadro n.º 9.16). Ora, são elas que, efectivamente, mais vezes revelam uma adesão forte: 70% contra 55 da amostra. O perfil mais contrastante é, então, o da última coorte, que é a única que está subrepresentada na adesão forte (42%) e sobrerrepresentada na média (40%). Mas

apesar do inegável declínio da adesão forte à dimensão tradicional, há que esclarecer que este é secundado pelo aumento da adesão média e não da adesão fraca, que não revela uma tendência inequívoca.

Grau de adesão à dimensão tradicional segundo a coorte
(em percentagem)

[QUADRO N.º 9.16]

Coorte	Grau de adesão				
	Fraca	Média	Forte	Total	Média
Até 1974.....	15,1	15,1	69,9	100	5,59
1975-1979.....	18,4	24,0	57,6	100	5,25
1980-1984.....	15,5	24,2	60,3	100	5,41
1985-1989.....	19,7	24,7	55,6	100	5,16
A partir de 1990.....	18,3	39,9	41,8	100	4,86
Todos.....	17,8	27,1	55,1	100	5,20

CC = 0,165; Sig. = 0,000 / Eta Squared = 0,014.

Se este quadro aponta claramente para o perfil mais tradicional das mulheres que entraram na maternidade no início dos anos 70, o mesmo já não se pode dizer quando temos em linha de conta os diversos cruzamentos que têm na base as duas funções fundamentais dos filhos. O facto da coorte não influenciar a sua escolha revela que a lógica dos afectos sobre põe-se a todas as outras quando se trata de apontar as duas razões fundamentais para os filhos serem tão importantes e que o tempo social não introduz aí novidades. Não obstante, é importante olhar para todas as funções recenseadas, pois aqui já se encontram diferenças interessantes (quadro n.º 9.17).

São basicamente três, as funções sensíveis ao contexto temporal – a produtiva, a de solidariedade material e a de mobilidade social. Tratando-se de algumas das funções da matriz tradicional do lugar da criança na família, são apenas aquelas que têm vindo a perder importância ao longo do período em análise (tendência mais notória a partir da segunda metade dos anos 80), sendo que a função produtiva – a importância dos filhos enquanto fonte de trabalho e de sustento – é a que tem vindo a registar o recuo mais acentuado: passou de 56% na coorte que teve o primeiro filho até 1974, para 21% na que o teve nos anos 90.

Sendo esta última coorte constituída por mulheres necessariamente com filhos mais novos, temos que equacionar o facto de aí poder estar a

9.17

interferir a fase do ciclo de vida familiar, ou seja, sobre eles ainda não recair esse tipo de expectativa, ao contrário do que sucede em famílias com filhos mais velhos. Todavia, as outras duas funções que remetem afinal para expectativas a longo prazo, não deixam de apresentar a mesma tendência consistente.

Das três, a função que regista a evolução menos severa é, então, a de mobilidade social, que passa de 88 para 73%. Apesar da tendência clara, há ainda um número não desprezível de inquiridas que, tendo sido mães recentemente, ainda depositam nos filhos a esperança de realização dos seus sonhos de promoção social (cerca de 7 em 10). Trata-se de um dado em nada surpreendente no quadro da sociedade contemporânea, ainda dominada pelas baixas qualificações escolares e profissionais dos portugueses¹³. Como podemos constatar nos diversos capítulos do livro, trata-se de uma realidade que marca profundamente o quotidiano e o universo dos valores das famílias portuguesas.

Conclusão

Conhecer as funções dos filhos nas famílias portuguesas constituiu o principal objectivo deste capítulo. Para tal, procurámos dar resposta a três interrogações: se existe uma ruptura com o passado nesta matéria, isto é, se as funções tradicionais dos filhos já não fazem sentido na vida familiar contemporânea; se os contextos sociais engendram actualmente diferentes expectativas em relação aos filhos; e, finalmente, se as funções que estes desempenham resultam apenas de expectativas de natureza sentimental. Trata-se, afinal, de questionar a ideologia dos afectos, uma herança do panorama intelectual de meados do século XX que cristalizou a imagem da criança como «bem de consumo afectivo» (Becker, 1960), num corte definitivo com um passado familiar cujo bom andamento estava dependente de um sem número de atribuições dos filhos.

Ora, a primeira conclusão a que chegamos da leitura dos resultados da pesquisa vem, então, responder à última interrogação: na relação com os filhos, a gratificação afectiva destaca-se decisivamente. Alguns indicadores permitem constatar esta realidade (quadros n.^{os} 3, 4 e 5): quando confrontadas com as duas razões fundamentais para os filhos serem importantes nas suas vidas, 95% das inquiridas referiram pelo menos uma função da dimensão afectiva e 54% referiram mesmo as duas, a uma grande dis-

¹³ V. capítulo 1 «Um primeiro retrato das famílias no Portugal contemporâneo».

tância dos restantes pares encontrados. Mas, dentro desta dimensão há funções claramente mais valorizadas. É o caso da função afectiva (a criança enquanto fonte de alegria) e da simbólica de coesão (a criança como símbolo do amor conjugal). Estas funções foram referidas, respectivamente, por 72 e 50% das inquiridas e são as que se combinam com mais frequência (33% das respostas), o que vem de encontro à conclusão que Kellerhals *et al.* chegaram há mais de duas décadas (1982).

No entanto, estes resultados respondem apenas parcialmente àquela questão, pois na verdade ficaríamos com uma imagem enviesada da realidade se não tivéssemos em conta outro indicador-chave – todas as funções importantes dos filhos (quadro n.º 9.2). O que se verifica, afinal, é que são muitas e variadas as expectativas que são colocadas na relação com os filhos, não se confinando às funções da dimensão afectiva. De facto, tão importantes como estas são as funções socializadora, de sociabilidade lúdica e de papel, funções que apontam para um quadro mais democrático, companheirista e relacional da vida familiar. Amplamente valorizadas são ainda as funções da dimensão estatutária, em particular a identitária, o que é revelador do impacto da maternidade na construção de uma autoimagem positiva¹⁴. Por fim, embora a adesão às funções instrumentais seja em regra menos generalizada, apenas a função produtiva dos filhos se revela francamente menos importante para as inquiridas, já que a solidariedade intergeracional (mais a emocional, mas também a material) é uma expectativa ainda presente. Ora, a pouca expressão da função produtiva por comparação com todas as outras é, então, um sinal evidente da mudança do lugar da criança na família. Nas últimas décadas, o tecido social português e as condições de vida das famílias têm vindo a conhecer, de facto, profundas transformações, que levam a economia doméstica a dispensar gradualmente a contribuição dos filhos (Wall, 1998b).

Esta ilação remete-nos para outra das questões de partida, que é a de saber como evoluem no tempo as expectativas em relação aos filhos e se ainda são importantes as funções tradicionais. Curiosamente, de uma análise de correspondências que procurava averiguar a existência de alguma associação entre funções, chegámos a uma constelação de sete funções que aponta para uma dimensão mais tradicional do lugar dos filhos na família, tal como foi proposta por Bassand e Kellerhals (1975). Esta dimensão reúne as funções instrumentais e estatutárias – com excepção da identitária que, como vimos, é amplamente valorizada –, bem como a função afectiva alargada, isto é, o lugar da criança no universo dos afectos da família em sentido amplo. Ora, a partir da coorte de entrada na maternida-

¹⁴ V. capítulo VII «Transições familiares e identidade da mulher».

de, variável-chave que permite fazer a leitura do tempo social, procurámos perceber a tendência de evolução da adesão a esta dimensão tradicional (quadro n.º 9.16). A conclusão a que chegamos é que, apesar da adesão forte (6-7 funções) diminuir ao longo do tempo – denunciando o perfil claramente mais tradicional das inquiridas da primeira coorte –, aquela dimensão do lugar dos filhos está ainda bem presente nas expectativas das famílias portuguesas, já que 42% das inquiridas que entraram na maternidade nos anos 90 situam-se na adesão forte. Esta ilação é ainda reforçada pelo facto da adesão fraca (até 3 funções) não aumentar com o tempo, o que significaria uma tendência para desvalorizar este tipo de funções dos filhos.

Outro indicador que dá uma achega para responder a esta questão de partida é o das funções dos filhos. A sua leitura à luz da coorte (quadro n.º 9.17) permitiu verificar que são basicamente duas, afinal, as funções que têm vindo a diminuir de importância ao longo das últimas décadas: a produtiva e a de solidariedade material. Ora, este conjunto de dados leva-nos concluir que não há uma ruptura radical com o passado. Não há uma série de funções tradicionais que já não marcam presença no universo das expectativas face aos filhos, assim como as funções de natureza afectiva e expressiva também não são uma idiosincrasia das famílias contemporâneas. Há, apenas, a clara tendência para desvalorizar aquelas que são, afinal, as expectativas de contribuição material dos filhos na vida familiar, tanto a curto como a longo prazo. Este é, assim, o principal traço de mudança no lugar dos filhos.

Não obstante, não podemos desprezar o número ainda significativo de inquiridas que têm estas expectativas: 40 e 65% das mulheres consideram importantes a função produtiva e a função de solidariedade emocional, respectivamente; e 55% revelam uma forte adesão à dimensão tradicional. Saber quem são estas mulheres reenvia, portanto, para a última questão de partida, i.e., para o impacto da escolaridade e da classe social nas expectativas que são colocadas nos filhos. A leitura dos diversos indicadores a partir destas variáveis não podia ser mais elucidativa (quadros n.ºs 9.8 a 9.15): os contextos marcam de forma decisiva as funções que as inquiridas consideram importantes, de tal modo que chegamos a dois perfis contrastantes de expectativas, o das inquiridas com percursos escolares longos (ensino médio e superior) e qualificadas (empresárias e profissionais intelectuais) e o daquelas que têm baixos recursos escolares (sem escolaridade e ensino primário) e profissionais (camponesas e assalariadas agrícolas, operárias e empregadas não qualificadas dos serviços).

Ora, o perfil das primeiras caracteriza-se, antes de mais, pela forte valorização da dimensão expressiva, pelo que a sobrerepresentação nesta

dimensão está presente nos indicadores que a contemplam. Mas, das três funções expressivas, são as funções socializadora e de sociabilidade lúdica que são acentuadas. A cumplicidade nos lares e a reciprocidade dos saberes é, então, o que estas inquiridas salientam na relação com os filhos. Outra função importante é a identitária. O papel da maternidade na construção da identidade pessoal é, assim, cúmplice e não concorrente do papel profissional. Por fim, a dimensão tradicional é desvalorizada, situando-se estas mulheres sobretudo na adesão fraca.

Diametralmente oposto é o perfil das inquiridas menos qualificadas. A adesão à dimensão tradicional é forte e a dimensão instrumental marca presença no leque das funções dos filhos. Quando olhamos para as duas mais importantes, destacam-se as duas funções de solidariedade, o que aponta para expectativas de apoio moral e material na velhice, na doença e em caso de necessidade económica. Outra função importante para estas mulheres é a de mobilidade social. É, assim, nestas franjas sociais com menos recursos que se torna frequente a aspiração de ver os filhos protagonizarem a trajetória ascendente que não esteve ao alcance dos pais.

Finalmente, há ainda outros dois perfis, que podemos considerar intermédios dos anteriores, mas que não são internamente tão homogêneos: é o das inquiridas que têm o ensino preparatório/básico e profissões medianamente qualificadas do terciário (empregadas executantes e independentes), que se aproxima do perfil tradicional das mulheres menos qualificadas; e é o perfil das inquiridas com o ensino secundário e profissões técnicas e de enquadramento intermédio, que tende a avizinhar-se do perfil mais expressivo das mulheres qualificadas.

Como consideração final, há que frisar dois pontos. O primeiro é a constância dos afectos. Como observámos, estas funções dos filhos marcam todos os tempos e espaços sociais. O segundo ponto é que, apesar da tendência de mudança no sentido da desvalorização de algumas funções de cariz instrumental, estamos longe dos cenários tanto de reduto afectivo como de uniformização das expectativas que são colocadas na existência dos filhos. Os contextos sociais das famílias portuguesas, ainda produtores de clivagens flagrantes, são disso emblemáticos.